

PROJETO PASTORAL DE PARÓQUIA REDENTORISTA

1. UMA PARÓQUIA MISSIONÁRIA

No dizer de João Paulo II, a Paróquia não é principalmente uma estrutura, um território ou um edifício. A Paróquia é "a família de Deus, uma fraternidade animada pelo Espírito de unidade, uma casa de família, fraterna e acolhedora, é a comunidade dos fiéis". A comunidade eclesial, embora conservando sempre a sua dimensão universal, tem a sua expressão mais visível e imediata na Paróquia. Ela "é, em certo sentido, a mesma Igreja que vive nas casas dos seus filhos e filhas" (ChL 26).

Os Missionários Redentoristas recebem do bispo a missão de animar evangelicamente uma parcela da diocese com o título de "Paróquia de...". Portanto, a nossa Paróquia faz-se expressão dos objetivos, projetos e programas da diocese. Além disso, como família redentorista, como grupo missionário, fazemos uma aposta clara e preferencial pelo dinamismo missionário da evangelização, sobretudo quando a dimensão missionária do Evangelho é a maior lacuna e o desafio urgente que a Igreja enfrenta no âmbito cultural da modernidade e pós-modernidade.

O Estatuto 018 da Congregação do Santíssimo Redentor diz: "Os congregados que se dedicam a esse ministério devem desempenhar com toda a diligência os deveres paroquiais, bem conscientes de que, quanto mais agirem com espírito missionário, tanto mais realizarão uma missão, por assim dizer, permanente".

2. PONTO DE PARTIDA

2.1. Europa e América do Norte: cultura da incredulidade

Em algumas áreas do mundo, sobretudo no industrializado, desenvolve-se uma "incredulidade generalizada", uma certa "apatia" ou indiferença religiosa, absorvida pela cultura ambiente. Pode-se descrever como: "uma confusão herdada, um afastamento das raízes e uma perplexidade ante a religiosidade oficial da Igreja como um subproduto cultural". Este grande vazio religioso transmite insegurança e desconfiança frente a todo um sistema de valores, frente às instituições e ao sentido da vida. Das pessoas que vivem este tipo de indiferença religiosa, diz McAuley: "Elas não pensam, nem sonham, nem negam, nem duvidam; simplesmente não têm sequer ideia". Esta incredulidade passiva conduz à anemia religiosa, à divagação espiritual, a um secularismo marginador e a uma desolação cultural. A crise ataca não tanto o Credo, quanto a sensibilidade e a imaginação; manipula e distorce a realidade e provoca o "eclipse de Deus" (cf. Michael P. Galagher, in "Selecciones de Teologia"). Esta situação apresenta à Igreja os seguintes desafios:

2.1.1. A despersonalização do ser humano

Difunde-se uma imagem despersonalizada do ser humano como resultado de reducionismos em cadeia: do espiritual ao psíquico, do psíquico ao biológico e do biológico ao puramente químico. Em definitiva, o homem fica reduzido a uma máquina mais ou menos perfeita; de sujeito passa a puro objeto. O ser humano é programado para trabalhar, consumir e desfrutar sem outra perspectiva. Neste homem, subproduto manipulado,

não há onde assentar algum valor humano, sobrevivendo a perda de todo sentido ético e moral.

2.1.2. Um cristianismo sem comunidade

Para muitos, a fé é um assunto privado e não tem valor na esfera do público. Muitos pretendem que a Igreja se confine à sacristia, quando ela critica a ordem temporal; acusam-na de estar politizada ou pensam que a Igreja se insere no que não lhe compete.

Por osmose cultural, tudo o dito acima se está introduzindo na nossa Igreja. Está-se incubando uma confusa vivência do cristianismo, que não admite nem valoriza a importância da comunidade como espaço com valor salvífico. Não há qualquer interesse pelo Povo de Deus e rejeita-se a Igreja como instituição: "Eu creio em Deus, mas não na Igreja".

2.1.3. Um cristianismo sem compromisso

Crer é comprometer-se. A fé cristã é-o na sua plenitude quando há coerência entre fé e vida. Contudo, muitos católicos vivem o divórcio fé/vida com uma facilidade assombrosa. Muitos enfocam o mundo da escola, da empresa, dos negócios, da política sem ter em conta a necessária coerência entre a fé que se professa e a vida que se vive.

2.1.4. Um cristianismo sentimental e emotivo

Em outros setores, tende-se a reduzir o religioso a puro sentimento. Levado pela emoção intimista, o crente renuncia a outras dimensões da fé, deslizando para uma pura emoção estética, perante a contemplação intimista do mistério de Deus ou a grandiosidade do culto ou das cerimónias religiosas.

2.1.5. Uma paróquia carente de dinamismo missionário

- a) A paróquia, centro de serviços religiosos: a nossa paróquia continua sendo utilizada fundamentalmente como um "centro de serviços religiosos".
- b) Raquitismo comunitário: passam os anos e a comunidade não cresce nem quantitativa nem qualitativamente. Não se dão novas adesões dos afastados.
- c) Narcisismo apostólico: a paróquia permanece fechada em si mesma; os grupos giram à volta de si mesmos, sem incidência paroquial ou social.

2.2. América Latina, África e Ásia: a pobreza, as seitas e as tradições religiosas

Em espaços geográficos como a América Latina e a África, o cristianismo atrai ainda muita gente. Contudo, as comunidades vêem-se cada vez mais confrontadas com realidades como as seitas, a pobreza e as enfermidades endémicas, a malária e a sida; e também com processos marcados pelas guerras e feridas sociais e psicológicas por curar.

No imenso continente asiático, os cristãos são minoria (excepto nas Filipinas) e são desafiados, além da pobreza, pelas tradições religiosas milenares e, em algumas regiões, pelo fanatismo e a instabilidade política.

Esta situação faz que o significativo número de cristãos da África, Ásia e América Latina se sintam um pouco à deriva, debilitados pelas condições sociais, inseguros em suas convicções, perante promessas de solução fácil e imediata dos problemas que as seitas propõem, ou talvez diante do calor e da solidariedade humanas que muitas delas oferecem, ao contrário das nossas comunidades geralmente massificadas. Assim, há grupos de cristãos confusos e inseguros da sua fé, frente à "agressividade" com que outros grupos religiosos apresentam as suas propostas de fé ou frente às tradições milenares das grandes religiões do Oriente. Além destes problemas, na maioria destes países, a Igreja não parece ter enfrentado, com a devida seriedade e coragem, a questão da inculturação.

Junte-se a tudo isto o fato de que, nas grandes cidades de África, América Latina e Ásia, as características próprias destes continentes se misturam, por via da globalização, com elementos culturais do mundo industrializado, como a indiferença religiosa e a dissolução do sentido de comunidade.

2.3. Abrem-se novos caminhos

Contudo, em todos estes ambientes geográficos, há comunidades que ainda conservam e outras que estão descobrindo um estilo novo de vida cristã, que se caracteriza por estes sinais:

- *Sentido de comunidade*: alegria e certeza de formarem juntos um corpo, animado pelo Espírito, com a presença de Jesus no meio.
- *Dinamismo evangelizador*: melhor formação bíblica, teológica e pastoral; recuperação da missão entre os afastados.
- *Corresponsabilidade laical*: participação ativa nas diversas tarefas e compromissos pastorais.
- *Encarnação e sensibilidade* para com os problemas de justiça e caridade no mundo: voluntariados, novo estilo de Cáritas,...

Em geral, constata-se que nas comunidades há maior nível de consciência cristã, de corresponsabilidade e participação e de empenho solidário com os problemas sociais.

Em resumo, a paróquia será uma verdadeira "comunidade crente" quando se sintam comunidade evangelizadora, organizada, participativa na celebração da fé, fraterna e solidária.

3. UMA RESPOSTA COMUM: A PARÓQUIA, CENTRO DE MISSÃO

Os pontos-chave para esta nova paróquia seriam:

- Amor recíproco como sinal da presença de Jesus: o amor é a forma de ser da Igreja (Jo 13,34ss; 15,9.12s.17).
- Urgência do anúncio missionário.
- Fundamentar a fé dos próximos.
- Aproximar-se dos afastados.
- Promover a justiça e a caridade.

Com base no exposto, formulamos os nossos objetivos.

4. OBJETIVO GERAL E OBJETIVOS ESPECÍFICOS

4.1. Objetivo geral

A paróquia faz opção clara pelo amor recíproco entre os seus membros, donde brotará o dinamismo missionário e evangelizador que conduza a criar uma comunidade cristã viva, com a promoção dum laicado corresponsável e organizado, num verdadeiro compromisso humano de acolhimento e serviço ao povo, em permanente diálogo com a cultura ambiente e em colaboração efetiva com quem busca transformar a realidade.

4.2. Objetivos específicos

- A paróquia promove a fraternidade ao serviço da missão.
- O carácter missionário da paróquia redentorista tem por fim conseguir a conversão inicial a Deus e a adesão global a Jesus Cristo, mediante o primeiro anúncio do evangelho e as iniciativas missionárias para com os afastados da fé e os não-cristãos.
- A paróquia empenha-se num caminho catequético de inspiração catecumenal.
- A paróquia projeta a Vida e Acção Pastoral a partir do "dinamismo missionário".
- A paróquia programa o conhecimento, reflexão, partilha, contemplação e oração da Palavra de Deus.
- A paróquia promove os tempos fortes e as acções litúrgicas, de modo especial a Eucaristia, fonte e cume da comunhão paroquial e com toda a Igreja local e universal.
- A paróquia favorece a formação de pequenas comunidades ao serviço da comunhão da fé, da solidariedade e compromisso missionário.
- A paróquia torna os leigos diretamente corresponsáveis na tarefa evangelizadora da Igreja, a partir da base inicial sacramental do batismo e da confirmação. A paróquia aposta num laicado que tome consciência do seu lugar na Igreja e veja a necessidade de formar-se e assumir as responsabilidades na missão e nas tarefas próprias da comunidade paroquial e Igreja diocesana.
- A paróquia esmera-se na capacidade de acolhimento e de serviço ao povo, especialmente aos mais débeis e necessitados, e colabora com todos os que trabalham solidariamente pela paz, justiça e integridade da criação.
- A paróquia dialoga com a nova cultura ambiente.

5. CRITÉRIOS E AÇÕES DA PARÓQUIA MISSIONÁRIA

5.1. A Paróquia, lugar de fraternidade e comunhão

Uma tarefa permanente de toda a pastoral paroquial é a de insistir que a Igreja é Povo de Deus e, em consequência, comunidade fraterna, na qual o título de "irmão" ganha um relevo particular. O Concílio Vaticano II apresentou o mistério profundo da Igreja como "comunhão", ou seja, como sinal da íntima união com Deus e da unidade de todos os seres humanos entre si. A Trindade é fonte e fundamento da vida eclesial: "Consumada a

obra que o Pai confiou ao Filho sobre a terra, foi enviado o Espírito Santo no dia de Pentecostes, a fim de santificar a Igreja e para que, deste modo, os fiéis tenham acesso ao Pai, por meio de Cristo, num mesmo Espírito... E assim toda a Igreja aparece como um povo reunido em virtude da unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo" (LG 4).

Esta dimensão comunitária deve ser vivida na Paróquia a todos os níveis: na organização interna, no seu desdobramento entre a vizinhança, na sua relação com o Arciprestado, a Igreja diocesana e universal e com a família redentorista. E isto não por tática ou como estratégia organizativa, mas como exigência do ser e da identidade da Igreja.

Para evangelizar de modo certo e coerente, é imprescindível o testemunho comunitário da "comum-união". Por mais importantes que sejam as ações e os gestos dos crentes individualmente, o impulso e a incidência da evangelização recaem sobre a comunidade. Por isso, onde não se constrói fraternidade e comunhão está-se obstaculizando a evangelização na sua raiz.

O ideal a buscar são as comunidades vivas nas quais "a vida íntima, vida de oração, escuta da Palavra e do ensino dos apóstolos, caridade fraterna vivida e fração do pão, não adquire todo o seu sentido senão quando ela se torna testemunho, a provocar a admiração e a conversão, e se desenvolve na pregação e no anúncio da Boa Nova" (EN 15).

Por isso, as nossas Paróquias não se podem colocar ao serviço da evangelização se não se forem transformando de "centros de serviços religiosos" em comunidades vivas de crentes, isto é, em ambientes onde as pessoas possam viver realmente a experiência da fraternidade.

Ademais, a Paróquia redentorista cuida da comunidade dos sacerdotes como grupo apostólico e promove a sua permanente preparação, em ordem à missão; torna-se presente nos meios mais populares, oferece a espiritualidade redentorista aos grupos de leigos mais comprometidos e projeta o seu dinamismo missionário, o seu carácter itinerante e de primeiro anúncio sobre o mundo dos afastados.

5.1.2. Linhas de ação

- Fomentar o sentido de comunidade, como consequência da vocação batismal, motivando atitudes de abertura e comunhão, apresentando o comunitário como o principal valor, fazendo apelo para que todo o povo experimente realmente a fraternidade.
- Criar uma verdadeira e arraigada consciência de que todos somos irmãos em todos os níveis da atuação paroquial.
- Partir sempre da maioria dos que "não sabem, não podem, não têm...".
- Ter em conta o que existe, sem destruir nada; convidar todos para objetivos comuns.
- Apresentar a Paróquia como espaço aberto de acolhimento, de encontro e família: cuidar dos lugares e das atitudes de acolhimento.
- Promover a participação: todos servem para alguma coisa; contar com todos; distribuir o maior número de responsabilidades entre o maior número de pessoas.
- Motivar e exercitar a corresponsabilidade, de acordo com os carismas e vocação específicos, com a real participação e compromisso de sacerdotes e leigos. O Conselho Pastoral será o expoente máximo da coordenação e animação pastoral. Dê-se a máxima importância às Assembleias Paroquias, seja para a programação e avaliação do Projeto

Pastoral Paroquial e para os assuntos internos, seja para ajudar a tratar dos problemas cívicos dos cidadãos.

- Construir um bom leque de relações entre os pequenos grupos e as comunidades, de forma que a Paróquia venha a constituir uma verdadeira “comunhão de comunidades”, a família de Deus animada pelo espírito de unidade.
- Procurar que os grupos e movimentos apostólicos da Paróquia sejam, em primeiro lugar, espaços de evangelização e de verdadeiro crescimento no amor fraterno.
- Promover “oficinas” de perdão e reconciliação.
- Procurar um caminho conjunto e um crescimento progressivo na comunidade total, englobando todos no mesmo processo convergente, evitando posturas sectárias, “capelinhas”, protagonismos injustificados ou complexos de superioridade por pertencer a um grupo de vanguarda...

5.2. A Paróquia como centro de evangelização

5.2.1. Critérios

Eis-nos perante uma das tarefas prioritárias da Paróquia. A evangelização é a base da dinâmica paroquial. Compreende:

- O anúncio explícito da mensagem para todos. É a comunidade que se evangeliza a si própria e, ao mesmo tempo, se projeta até ao mundo dos afastados ou indiferentes.
- A adesão do coração e a conversão. A formação duma comunidade paroquial fraterna.
- O testemunho duma comunidade cristã pela correlação fé-vida.
- O acolhimento e participação na vida sacramental.
- As novas iniciativas pastorais e ministeriais da parte dos que já aceitaram o evangelho.
- A inserção e transformação das realidades temporais a partir de critérios evangélicos.

Como se disse antes, o dinamismo evangelizador define a família redentorista, marca o carácter desta paróquia e configura os sinais da nossa identidade na Igreja. Deve ser uma constante preocupação nossa estar atualizados em conteúdos, enfoques, técnicas, metodologias e formas de transmissão da mensagem.

Além do dinamismo evangelizador, caracteriza os redentoristas a benignidade pastoral, isto é, a misericórdia e o acolhimento, de modo especial a conjuntos de cristãos que se sentem rejeitados ou acolhidos com frieza: divorciados, migrantes, afastados, meninos de rua, doentes de sida, mães solteiras,...

À luz dos critérios acima, deverão orientar-se os esforços e atividades que neste campo se realizem. A nova evangelização acaba com o estilo de Paróquia de “cristandade” e situa-nos numa perspetiva com as seguintes linhas de ação:

5.2.2. Linhas de ação

5.2.2.1. A ação missionária

É a ação evangelizadora destinada aos que não conhecem o evangelho e a “toda uma multidão, hoje em dia muito numerosa, de batizados que, em grande número, não renegaram o seu batismo, mas que estão totalmente à margem do mesmo e não o vivem” (EN 56).

A ação missionária desenvolve-se no testemunho e compromisso dos crentes; no convite pessoal e amigo; no anúncio explícito como acontece na missão paroquial, nas missões populares, nos apelos à fraternidade; no cuidado e esmero das celebrações; nas catequeses pré-sacramentais; nos encontros, seminários e concentrações que se programam a partir da Paróquia.

5.2.2.2. Os catecumenatos de iniciação

Os catecumenatos são catequeses essenciais e básicas de iniciação ao evangelho, para reintegrar-se na comunidade cristã e ser fermento transformador no meio da sociedade. Há dois modelos de iniciação:

- *Iniciação de crianças e pré-adolescentes*: como processo crescente até ao catecumenato de jovens e adultos.
- *Catecumenato de jovens e adultos*: é uma catequese básica, sistemática, integral e gradual, com princípio e fim. O iniciado, terminado o itinerário catecumenal, incorpora-se ativa e definitivamente na comunidade paroquial.

Além dos conteúdos de formação, deve buscar-se a iluminação cristã da existência, com uma progressiva conversão ao evangelho. O catecumenato dos adultos terá em conta as orientações da Comissão Episcopal da Catequese e os passos graduais do RICA.

5.2.2.3. A vida pastoral

Terminado o catecumenato de jovens e adultos, a vida da comunidade necessita dum contínuo alimento da Palavra e dos sacramentos. Destacam-se: as revisões de vida, retiros, convivências, catequese vocacional, sacramental ou de situações concretas. O estudo, reflexão e oração bíblica; catequeses ocasionais de acontecimentos sociais interpelantes ou em relação com a inserção e influxo transformador da sociedade, a partir dos valores evangélicos.

5.2.2.4. Pastoral vocacional

Dentro da Pastoral Juvenil e da ação pastoral conjunta da Paróquia, deve existir uma Pastoral Vocacional específica.

Toda a comunidade deve sentir como própria a preocupação pastoral de suscitar, acolher e acompanhar as vocações à vida consagrada, sacerdotal e matrimonial.

5.2.2.5. O protagonismo evangelizador dos leigos

A evangelização é tarefa de toda a comunidade paroquial. “Evangelizar constitui a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar” (EN 14). Neste sentido, a colaboração dos leigos é fundamental e absolutamente necessária. Por isso, urge cuidar da capacitação técnica e espiritual dos leigos para a nova evangelização. Corresponde aos presbíteros animar e colaborar ativamente nesta preparação, assim como fazer-se presentes nos grupos, celebrar a Palavra ou a Eucaristia com eles e acompanhá-los nalguma “oficina” de oração.

Se queremos um laicado maduro na fé e com protagonismo evangelizador, devemos promover e organizar a formação de catequistas e monitores, através de cursos de catequistas, escolas de pais e cursos de formação (Bíblia, teologia moral, catequética, oração, dinâmica de grupos, técnicas de comunicação, etc.).

Os sacerdotes devem evitar a presença direta nas sessões catequéticas, para não criar dependência e possibilitar o crescimento e a maturidade na fé de catequistas e monitores.

5.2.2.6. Diálogo com a cultura e com outras religiões

Neste mundo globalizado em que se entrecruzam homens e mulheres de diferentes culturas e religiões, faz-se urgente criar, nas nossas paróquias, espaços de encontro e de diálogo que possibilitem o respeito mútuo, o conhecimento e a colaboração sincera na luta por um mundo mais justo e solidário.

5.2.2.7. Leigos redentoristas

Uma convicção que deve estar presente nas paróquias e santuários redentoristas é a de partilhar com os leigos o nosso ser e missão redentoristas. Por isso, no âmbito do trabalho pastoral e dentro de um irrenunciável pluralismo, se deverá fazer a proposta da vocação de missionário leigo do Santíssimo Redentor como um colaborador ativo que toma parte na vida apostólica da Congregação. (Cap. Geral 1991, Documento Final, n.60a).

5.3. A Paróquia, lugar da celebração da fé

5.3.1. Critérios

Evangelização, celebração e compromisso transformador são três dimensões da única missão da Igreja, como “sacramento de salvação” no meio da sociedade. Proclamar a fé, confessá-la no coração e celebrá-la são momentos eclesiais que não se podem separar nem contrapor. “A finalidade da evangelização é precisamente a de educar de tal modo para a fé, que esta depois leve cada um dos cristãos a viver – e a não se limitar a receber passivamente ou a suportar – os sacramentos como eles realmente são: verdadeiros sacramentos da fé” (EN 47).

Evangelização e liturgia são inseparáveis: “a Eucaristia é a fonte e o cume de toda a evangelização” (PO 5).

Na Paróquia há ou pode haver diferentes grupos com distintos objetivos e opções. Na missa dominical, ao invés, todos devemos juntar-nos

para oferecer as nossas atividades e receber de novo o impulso do Espírito. Na Paróquia, há diferentes níveis de fé, desde os que se estão iniciando até aos cristãos mais maduros. Na Eucaristia de domingo, ao invés, todos se devem unir para partilhar a fé e enriquecer-se com o mútuo testemunho. Na Paróquia, há diversas classes de pessoas: homens, mulheres, crianças, jovens, adultos e anciãos, pessoas com trabalho ou desempregadas... O encontro do Dia do Senhor, deve ajudar todos a conscientizar-se de que são filhos de Deus, formam uma só família, e estão comprometidos com o destino uns dos outros. A comunidade faz a Eucaristia e esta fortalece a comunidade. Eucaristia e comunidade se engendram mutuamente, se exigem e correspondem.

O mesmo se deve dizer das restantes celebrações sacramentais. Sem uma liturgia viva, não acontece uma Paróquia renovada. Celebramos criativa e festivamente os diferentes sacramentos, incorporando os fatos significativos da vida e os acontecimentos do mundo que nos envolve.

Numa liturgia viva e participada, nota-se que é toda a comunidade que a celebra. As celebrações serão ocasiões propícias para experimentar religiosamente a vida e para consolidar os compromissos pessoais e comunitários. Portanto, é necessário fazer que as celebrações animem significativamente a fé de quem nelas participa.

No marco celebrativo da fé, Maria aparece como a primeira crente, que acolhe e apresenta a Palavra. Por isso, celebramos Maria, acompanhando a atualização do mistério da redenção aos mais débeis e abandonados.

Eis algumas pistas.

5.3.2. *Linhas de ação*

- Celebrar os sacramentos como consequência dum processo evangelizador e não rotineiramente. Para tal, é necessário superar problemas e dificuldades que ainda subsistem: massificação, passividade, monotonia, individualismo, linguagem inacessível, falta de adaptação e criatividade nos símbolos e sinais, insuficiente participação, ausência de ministérios laicais e separação entre celebração e vida.
- Criar ambiente fraterno e profundidade vivencial, cuidando dos espaços e do acolhimento.
- Promover a participação dos leigos no desempenho de ministérios e serviços. Equipas específicas devem estar ao serviço da comunidade celebrante e ajudar a promover a participação de todos.
- Formar a consciência moral dos crentes, animando ao arrependimento e à conversão, promovendo as celebrações comunitárias da penitência.
- Descobrir a riqueza do Ano Litúrgico e da Liturgia das Horas; celebrar alguma das Horas principais em tempos fortes, domingos e festas.
- O bom desenrolar das celebrações depende, em grande parte, de quem preside. O papel do presidente é decisivo. Deve, por isso, cuidar de aspectos como: comunicação, simplicidade e proximidade à gente. Deve também saber adaptar-se a cada tipo de assembleia. Não deve ter receio de ser comunicativo e criativo.
- Nas nossas Paróquias é também importante a educação e os ritmos de oração. Como redentoristas e filhos de Sto. Afonso, devemos ter muito viva a animação duma espiritualidade que favoreça a oração pessoal e comunitária: grupos de oração, programação de retiros,

etc. Um modo prático é que haja, na Paróquia, uma equipa de animação da oração paroquial.

- Acolher tudo o que é válido da religiosidade popular e celebrá-lo criativamente.
- Dentro da nossa rica tradição mariana, celebramos com esmero as festas marianas do lugar e, de maneira especial, a devoção a N^a S^a do Perpétuo Socorro.

5.4. A Paróquia promove a justiça e a caridade

5.4.1. Critérios

A dimensão cristã de toda Paróquia faz que seja Igreja do povo num lugar concreto, comprometida com a sua libertação, promoção e desenvolvimento. Tudo o que contribui para a melhoria da sociedade interessa ao Reino de Deus (cf. GS 39).

Por isso, os crentes numa comunidade paroquial devem testemunhar a caridade da Igreja, derivada da caridade de Cristo, o que implica promover a justiça, a solidariedade, a comunhão e a paz. Só assim a comunidade cristã pode ser significativa e credível em meio à sociedade.

A ação em favor da justiça e da caridade é a "outra face" da evangelização. Esta busca uma libertação total do ser humano em todas as suas dimensões, incluindo a política.

Sensível à opção de Deus pelos pobres, a Igreja exerceu a função caritativa desde as primeiras comunidades (At 6,1-6; Rm 15,25-27; 2Cor 8,2-4; 9,1-13). Compreendeu-a como um serviço total, fundado na diaconia do Senhor e do seu Reino, formando parte da liturgia dominical e sendo um testemunho inclusive para os não-crentes. Sem compromisso de justiça e caridade, não há verdadeira comunidade cristã. Uma prova de fé autêntica é a caridade vivida e a preocupação efetiva pela justiça (cf. S. Tgo).

Ninguém deveria superar em humanidade à Paróquia, porque a fé em Jesus nos indica com clareza que não é vontade que os seus filhos vivam em condições infra-humanas e que haja injustiças, exploração e desigualdades gritantes. A fé cristã não pode conduzir nunca a viver tranquilamente sem amar efetivamente o próximo. Ao contrário, a caridade efetiva e a luta pela justiça dão à fé uma marca de qualidade. Se esta não é uma força transformadora, que sentido tem? A fé sem obras é morta (cf. Tg 2,16.26). A Paróquia deve ser uma "comunidade samaritana" e deverá formar os seus filhos na ação pela justiça e pela caridade.

Toda a comunidade é "caritas". E a Cáritas é o canal da caridade de toda a comunidade paroquial. Portanto, as equipas de Cáritas não atuam a nível pessoal, mas em nome de toda a comunidade, promovendo a solidariedade como um fato comunitário. A Paróquia não pode deixar ninguém fora do amor afetivo e efetivo. Deverá saber estar com os últimos, servir os novos pobres, ser voz dos sem voz, ser rosto, mãos e Palavra do Deus salvador, quando faltam todos os outros sinais de fraternidade humana. Nisso se joga a fidelidade a Jesus Cristo e a credibilidade da Igreja.

5.4.2. Linhas de ação

- A Paróquia assume um compromisso ativo de denúncia e de luta contra as diversas formas de pobreza e marginalização e também

contra a fraude e a corrupção, enquanto comportamentos anti-evangélicos da vida individual e pública.

- No empenho em promover a JUSTIÇA e a SOLIDARIEDADE, as nossas Paróquias devem prestar especial atenção aos migrantes, deslocados e sem terra, elaborando um programa de acolhimento e de promoção, tanto nas necessidades humanas como na educação da fé.
- A Paróquia deve promover o compromisso social dos cristãos na vida pública. No contexto dos países industrializados, fará tomar consciência das necessidades dos países mais pobres, defendendo, p. ex., a aplicação do 0,7% do PIB em favor desses países. Em suma, há de se destacar por ser defensora da dignidade e dos direitos humanos. No contexto dos países em vias de desenvolvimento, a Paróquia deve ajudar a formar a consciência da promoção do bem comum e da luta contra a corrupção, os desequilíbrios sociais e a marginalização.
- Um modo operativo de promover a justiça e a caridade é a Cáritas paroquial, além de outros grupos de serviço solidário, que devem ser organismos vivos e bem estruturados, com um papel de assistência e promoção e também de educação e sensibilização social.
- Cáritas e ONG's redentoristas criam e animam os diferentes grupos solidários.
- A Paróquia favorece a formação de grupos de reflexão político-social, à luz do Evangelho e da Doutrina Social da Igreja.
- A Paróquia ajuda a fomentar o trabalho dos organismos de intervenção, como as Comissões de Justiça e Paz, para que contribuam para a conscientização social da comunidade e se empenhem em ações concretas de defesa dos mais débeis e das vítimas da injustiça.

6. UMA PARÓQUIA FERMENTO DE NOVA HUMANIDADE

- A Paróquia conhece a realidade, os problemas e as aspirações das pessoas que vivem no seu território.
- Sensibiliza os cristãos sobre a sua responsabilidade na transformação da sociedade, através do conhecimento e aplicação da Doutrina Social da Igreja.
- Estimula, educa e acompanha o compromisso social e político dos cristãos.
- Defende a dignidade e os direitos fundamentais da pessoa, quando estes são espezinhados.
- Favorece e acompanha a ação associada dos leigos para evangelizar a família, a cultura, o mundo social e político e dos mass media.
- Procura encarnar na realidade cultural, na linguagem e costumes do espaço humano em que age, para evangelizá-lo desde dentro.
- Cuida do seu património artístico e documental e procura utilizá-lo ao serviço do evangelho.

7. ALGUMAS ESTRUTURAS AO SERVIÇO DA PARÓQUIA

- ✓ **ASSEMBLEIA GERAL:** expressão mais plena da comunidade co-responsável. Reúne-se, ordinariamente, ao menos duas vezes, no princípio e no fim do ano pastoral, para programar e avaliar o Projeto

Pastoral. Podem acontecer outras assembleias com carácter extraordinário, sempre que o entenda o Conselho Pastoral.

- ✓ **CONSELHO PASTORAL:** representação de todos os grupos da Paróquia, órgão máximo de coordenação, animação e gestão paroquial entre as Assembleias. O Conselho Paroquial funciona como plenário; mas pode eleger um Conselho permanente.
- ✓ **CONSELHO ECONÓMICO:** é de constituição obrigatória (CIC 537). Deve funcionar de acordo com as directrizes diocesanas e ao serviço da evangelização.
- ✓ **CANAIS DE COMUNICAÇÃO** entre as diversas áreas e grupos paroquiais e com o conjunto do Povo de Deus e da vizinhança. Em concreto, cuidam de coordenar a informação e a publicidade para o interior e o exterior da Paróquia; elaborar o boletim paroquial e possibilitar todo tipo de comunicação entre grupos e áreas paroquiais e diocesanas.